

Reflexões para tempos de crise

J. Roberto Whitaker Penteadó

My father always told me that all businessmen were sons of bitches, but I never believed it till now. - John Kennedy (Abril de 1962)

A propriedade é um roubo. - Pierre-Joseph Proudhon (1840)

1 - Deu-me algum trabalho achar a frase acima, do presidente Kennedy, pois foi pronunciada em época mais puritana – ou hipócrita – e os jornais não a publicaram. Mas tinha a lembrança de ter lido a respeito dela – em algum lugar. Ajudado pelo inefável Google, redescobri a data e a ocasião: foi quando as empresas americanas produtoras de aço, em conluio, aumentaram os preços, contra uma determinação ou pedido do presidente democrata.

A imprecação de Kennedy foi duplamente significativa, pois há registro de que o pai, Joseph Kennedy - um businessman ele próprio - não teria sido dos mais escrupulosos operadores de Wall Street... Isso passou-se há quase meio século.

2 - Mais recentemente – mas nem tanto assim, em 1979 - lembro-me de estar em Cannes, no festival do filme publicitário, aplaudindo – com outros delegados brasileiros – uma série de comerciais da corretora Smith Barney (hoje parte do conglomerado capenga do Citi), cujo fecho era a frase “Nós ganhamos dinheiro à moda antiga: trabalhando”.* A campanha era da Ogilvy & Mather de N. York (então dirigida realmente pelo fundador David Ogilvy) e seu ponto forte era o impecável sotaque britânico do veterano ator John Houseman, muito apreciado nos EUA.

3 – E (parece que foi ontem), no dia 25 de janeiro de 2008, o Estadão escrevia, na primeira página: A Societé Générale enfrentou duros questionamentos na sexta-feira sobre como falhou em detectar o maior escândalo financeiro da história no qual um único operador provocou a perda de 7 bilhões de dólares. Na perspectiva de hoje, com trilhões “volatilizados” – o montante parece uma bagatela, mas – há um ano – eu (que trabalhei algum tempo em banco) e boa parte do mundo não conseguíamos compreender como é que um simples empregado podia ter posto a mão numa grana daquele tamanho. Ainda não se sabe.

Em 1962, na glória dos meus 21 anos, como todo jovem brasileiro que se prezava, eu era anarco-social-comunista, torcia por Fidel e Guevara, e assinaria em baixo sob a frase de Proudhon, lá em cima. E – claro - adorei o desabafo de Kennedy! Dezesete anos depois, já havia passado por empregos executivos em nacionais e multinacionais e acreditava contritamente no Marketing e nas palavras do seu profeta, Theodore Levitt de que se tratava de conquistar e manter clientes... Ano passado e este ano, não sei mais.

Ou talvez saiba: sei que nenhum bancário do mundo teria acesso a um milhão de qualquer coisa, quanto mais bilhões; que um golpe de 50 bilhões não é coisa de mão única; e que trilhões de dólares simplesmente não existem, como também não existem os neoliberais.

Será que voltaremos a fazer as coisas à moda antiga?

* Sem querer parecer americanófilo, mas fica melhor no original: We make money the old-fashioned way. We EARN it.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=15&ID=506>>. Acesso em: 23 jul. 2009.